



**SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: ST1 – Sociologia da Educação

ESCOLA, LEITURA(S) E IMAGEM(ENS): CONTRIBUIÇÕES METODOLÓGICAS

ROCHA, Sérgio Luiz Alves da

Doutor em Educação

Centro Universitário Moacyr Sreder Bastos

slarocha@hotmail.com

Resumo

Este trabalho é parte de uma pesquisa de doutorado em educação. Seu objetivo foi discutir com professores e alunos de uma escola pública de ensino médio do Rio de Janeiro algumas questões relacionadas com as suas concepções e suas práticas de leitura – aqui entendida como uma prática cultural mais ampla, realizada em diferentes suportes e sujeitas a diferentes avaliações. Tal compreensão da leitura como prática social mais ampla seguiu principalmente as proposições de Roger Chartier. Em termos metodológicos as imagens proporcionariam o ponto de partida para a realização das entrevistas. Elas trouxeram importantes contribuições tanto do ponto de vista da discussão das relações entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa e do próprio fazer da pesquisa, quanto em relação às discussões dos temas relacionados à leitura. As imagens foram incluídas com a pretensão de serem mais do que uma ilustração ao texto escrito. Também tentei não utilizá-las como uma cópia do real, prova de realidade, acentuando minha autoridade como pesquisador. Várias foram então as possibilidades abertas pelo uso das imagens fotográficas nessa pesquisa. Sua produção por parte dos sujeitos serviu para conferir-lhes maior liberdade, tornando o processo de muito mais colaborativo, diluindo a autoridade do pesquisador. Seu uso também permitiu conferir importância e visibilidade a determinados aspectos do cotidiano escolar relacionados a diferentes práticas de leitura que muitas vezes passam despercebidas.

Abstract

This text is part of doctorate research on education. Its objective was to discuss with teachers and students of a public high school in Rio de Janeiro some topics related to their conceptions about reading and their practices on it – reading could be understood as a broader cultural practice, and could be done in different places, and submitted to different uses and evaluations. Following the indications of Roger Charier, we understood reading as a broader social practice. We use the images produced by the students and their teachers as important theoretical-methodological resource. These images bring important contributions to the research: the relations between the researcher and their subjects, the way the researcher was conduct it and the questions link to the reading were some of them. The images were used not only as an illustration of the text. They weren't also considered one copy of the reality, pointing the researcher authority. There were many possibilities that the images bring to this study. The production that has been done by the subjects gave them some more liberty, making their participation become more important and reducing the power of the researcher. Its use could also give importance and visibility to some aspects of the daily life at schools, which are related to different kinds of reading that sometimes are not easily noticed.

Palavras-chave: Leitura; Jovem; Imagem; Escola
Keywords: Reading; Youth; Image; School

PAP1444

1. Introdução

Apresento neste texto uma parte de uma pesquisa de doutorado realizada entre 2007 e 2010, em uma escola de ensino médio da rede estadual do Rio de Janeiro. O objetivo da pesquisa foi o de discutir com alguns professores e alunos desta escola questões relacionadas às suas práticas e às suas concepções sobre a leitura. Durante a sua realização optamos por usar imagens fotográficas como um recurso teórico-metodológico. Os sujeitos foram convidados a produzir imagens fotográficas sobre aspectos da escola que no seu entender estivessem relacionadas ao tema da leitura e que foram objeto de discussão posterior.

As diferentes concepções do ato de ler, a relação da leitura literária e de outros tipos de leitura, com as denominadas “novas tecnologias”, o papel da escola valorizando, ou não, o acesso aos diferentes suportes de leitura, foram alguns dos temas discutidos ao longo da realização da pesquisa.

A discussão sobre a natureza da leitura foi realizada a partir das indicações de Roger Chartier (1994, 1998, 2001, 2002, 2003). A partir de suas reflexões a leitura foi compreendida como uma prática cultural, que é realizada em suportes de natureza diversa, influenciada por diversos gestos, espaços e hábitos. Considera-se, assim, que as práticas de leitura estão sujeitas a variadas apropriações e avaliações. Isto excluiria qualquer possibilidade de considerá-las de forma abstrata, universal.

A pesquisa utilizou a perspectiva etnográfica, juntamente com o recurso das imagens. Esta combinação possibilitou que os sujeitos da pesquisa e o próprio pesquisador constituíssem uma temporalidade outra. Esta suspensão das urgências cotidianas, das ingerências do cotidiano escolar sobre a prática, permitiu “o deslocamento das respostas esperadas, das certezas e garantias das repetições previstas, da resposta qualquer, buscando uma palavra ou a ação outra, que nos assuste um pouco, que nos tire do anonimato, da homogeneidade” (Geraldi, 2006, pp.183-184).

A proposta inicial era mobilizar os alunos para a realização de uma série de entrevistas sobre o tema da leitura que, posteriormente comporiam um pequeno vídeo. O processo de construção do vídeo bem como as entrevistas realizadas para a sua composição comporiam também o material da pesquisa. Com esse objetivo várias entrevistas foram realizadas, entre os anos de 2008 e 2009.

Entretanto, posteriormente, surgiu um conjunto de dificuldades que não tornaram possível a produção final do vídeo. Obras de grande monta promovidas pelo Governo do Estado em plena vigência do ano letivo e depois o surto de gripe H1/N1, interromperam por vários períodos as aulas e, como consequência, o meu contato regular com os alunos, impossibilitando a realização do documentário.

Assim, optamos no decorrer da pesquisa por usar as imagens fotográficas. Passei a abordar alunos e professores, convidando-os a produzir um conjunto de imagens que, em seu entender, estivessem relacionadas com o tema da leitura.

Em minha abordagem eu explicava de maneira bem geral o tema da pesquisa, enfatizando a total liberdade que teriam para fazer os registros fotográficos. No mesmo momento eu também explicava que em um momento posterior eu realizaria uma entrevista para ouvir as razões que levaram a produção de cada imagem específica. A sugestão era de que cada um dos sujeitos abordados realizasse ao menos 3 registros fotográficos.

Ao final da realização das entrevistas acumulava um conjunto de cento e oitenta e quatro fotografias, e doze horas de entrevistas aproximadamente (cerca de sete horas com os alunos e cinco horas com os professores). Participaram da produção das fotos vinte e cinco alunos, sendo que destes apenas vinte e dois foram entrevistados. Uma aluna preferiu não participar da entrevista, entregando seu comentário por escrito. No caso dos professores foram dezessete participantes durante a fase de realização das fotos. Desses, nove participaram das entrevistas e uma professora enviou seus comentários por e-mail.

Coerentemente com a construção de uma perspectiva mais relacional para a realização da pesquisa, que se valeu das contribuições de Clifford (2002) ao discutir os diferentes modelos da autoridade do pesquisador na pesquisa etnográfica, as imagens não foram produzidas com objetivo de prova, reforçando a autoridade do

pesquisador, na medida em que atestam não apenas a realização do empreendimento de pesquisa, como também, o fato de que o pesquisador, e só ele, esteve “lá”, no campo de pesquisa.

O conjunto de produções imagéticas realizada no interior da pesquisa foi considerado como uma produção cultural, como possibilidade de compreender “os múltiplos pontos de vistas que os homens constroem sobre si próprios e sobre o mundo, de seu comportamento, seus pensamentos, seus sentimentos e suas emoções em diferentes experiências de tempo e espaço” (Porto Alegre, 1998, pp.76-77).

O que passarei a explorar a partir de agora são algumas dessas contribuições teórico-metodológicas das imagens a partir da realização de minha pesquisa.

2. O visível e o invisível

Ao envolver-se no processo de produção das imagens, os seus produtores tomam decisões sobre a inclusão e a exclusão dos elementos que compõem a realidade e que serão objeto de representação imagética.

Cada imagem exprime muito menos e muito mais daquilo que pretende representar.

No caso da imagem fotográfica, privilegiada a partir de um determinado momento da realização de minha pesquisa, exprime muito menos na medida em que o instante imobilizado, “retrato vivo da coisa morta”, representado pela foto, nunca se repetirá. A representação imagética do evento não é sua cópia fiel, mas o resultado de um processo de seleção que produz, ao mesmo tempo em que a visibilidade de alguns aspectos, a invisibilidade de outros. A “fotografia diz menos do que o acontecido”. (Martins, 2008, p.43).

A duplicidade entre visível/invisível é responsável pela potencialidade das imagens. Como diz Martins, quem fotografa não captura somente aquilo que se dá a ver diante das suas lentes, mas também as descontinuidades entre aquilo que “pensa ver e o que está lá, mas não é visível”. Nesse sentido, continua o autor, a fotografia é muito mais um indício do irreal do que do real. Ela opera como um “suposto real”, considerado como elemento “necessário e próprio da reprodução das relações sociais e de seu respectivo imaginário. As imagens fotográficas acabam por revelar, assim, aquilo que está ausente, dando-lhe visibilidade.” (Martins, 2008, pp.28-29).

Com isso Martins questiona o caráter de precisão da imagem fotográfica, de cópia da realidade, vendo nela a possibilidade de potencializar os questionamentos sobre a vida social na medida em que ela permite ver “o que por outros meios não pode ser visto”.



Figura 1 – Algumas das fotos que incluem a biblioteca.

Em uma pesquisa realizada por um professor, no interior do espaço escolar e tendo a leitura como tema principal parece óbvio a presença de imagens que representem a biblioteca, um total de 36 imagens entre as quais selecionei algumas para trazer ao texto, na figura 1.

Podemos considerar que essas imagens da biblioteca são índices nos termos propostos por Martins. Elas são uma maneira de mostrar aquilo que é único e, em certo sentido, o aparentemente igual, de diferentes maneiras. Ao produzi-las cada sujeito pretendeu salientar um aspecto que considerava relevante em relação a esse espaço específico. Múltiplos olhares emergiram a partir daí, interpretações que variaram desde a sua interpretação como um espaço morto até a sua valorização como um espaço fundamental de acesso e democratização da leitura do livro impresso, passando pela leitura dos gibis entre outros suportes.

Se a biblioteca foi fotografada por diferentes pessoas a partir de múltiplas perspectivas, o que dizer do conjunto de imagens da figura 2? Elas representam um conjunto de imagens que em um primeiro olhar parecem uma repetição de uma mesma foto. Entretanto, todas elas foram produzidas por pessoas diferentes.



Figura 2 – Montagem feita a partir de imagens produzidas por diferentes sujeitos da pesquisa.

Ao me deparar com essas imagens, me surpreendi. Isto porque muito tempo antes de eu pensar em utilizar as imagens fotográficas como recurso teórico-metodológico, eu havia produzido algumas imagens no interior do espaço escolar. Entre elas estão as duas fotografias da figura 3, tiradas em sequência, no mesmo dia.



Figura 3 – Montagem a partir de fotos produzidas pelo pesquisador.

Analisando as potencialidades do uso da imagem fotográfica na pesquisa, Boris Kosoy, distingue analiticamente o momento de sua produção do momento de sua trajetória. O processo de elaboração ou de construção da imagem inclui a sua concepção, construção e materialização que variará de acordo com os indivíduos. Uma vez produzida, a imagem cumprirá uma trajetória que a disponibilizará, fazendo-a circular no tempo e no espaço. Ela será interpretada por aqueles que a produziram e por outros. Esse duplo caráter de construção da imagem, seja na sua produção, seja na sua recepção, constitui o que Kosoy qualifica como seu valor “documental”. A realidade fotográfica seria: “[...] uma realidade moldável em sua produção, fluida em sua recepção, plena de verdades explícitas (análogas, sua realidade exterior) e de segredos implícitos (sua história particular, sua realidade interior), documental, porém imaginária.” (Kosoy, 2005, p. 44).

Neste sentido, ainda quando diferentes sujeitos fotografam uma “mesma” cena, objeto ou processo, suas considerações a respeito de suas produções são muito distintas, o que nos remete à polissemia das imagens.

Ao observar o conjunto de fotografias que compõem as montagens das figuras 2 e 3, produzidas respectivamente pelos sujeitos da pesquisa e pelo pesquisador, aparentemente nos deparamos com o mesmo, reproduzido inúmeras vezes. Mas ao ouvir as razões que levaram cada sujeito a produzir a sua imagem vemos que cada uma delas refere-se a diferentes aspectos.

Hayres, uma das alunas que participou da pesquisa (primeira foto no canto superior esquerdo da figura 2), produziu a foto porque observou “um garoto com o livro” e no fundo uma imagem que “não tem muito nada a ver”. Ela associou essa foto ao fato de que “quando uma pessoa lê ela sai do mundo dela. Ela fica totalmente fora de si. Ela nem escuta se você falar com ela”. Concluindo com uma concepção sobre o ato de ler que desloca o leitor da realidade, absorvendo totalmente as suas atenções e os seus sentidos, deixando-o totalmente imerso no texto que tem diante de si. Laís, por sua vez (segunda foto, canto superior direito da figura 2), disse que a imagem chamou a sua atenção “pelo fato do menino estar sentado com os livros no colo, e a frase também ser chamativa”, fixando-se no valor de face da imagem. Nathália (primeira foto no canto inferior esquerdo da figura 2) também é um pouco sumária em seus comentários sobre as suas motivações, dizendo que fez a foto porque ela expressa uma mensagem a todas as pessoas que chegam à escola, que logo “dão de cara com o livro”. Por último, o professor Hécio (segunda foto, canto inferior esquerdo da figura 2), vê na foto a mistura entre a arte e a leitura. Para ele “Por mais que seja uma frase bíblica, a arte não está sozinha. Tem a leitura da arte, dessa pintura que o cara fez e tem a arte do conjunto”. Aqui a leitura adquire uma conotação muito mais ampla do que apenas decifração do código escrito.

Por fim, as imagens que eu produzi derivaram de um conjunto de experiências que eu tive à época e sua realização que me levaram a imaginar a escola como um monumento onde a escrita era um elemento importante. O fato da personagem pintada estar com o livro e a existência de uma frase relacionada a importância da visão também despertaram a minha atenção, por estarem relacionados ao tema de meu interesse.

No contexto das falas dos sujeitos é que podemos distinguir as suas motivações para a composição das fotos. Na medida que os sujeitos da pesquisa comentavam eventualmente as fotos de outros sujeitos da pesquisa, eles davam a conhecer diferentes interpretações que eles construíam sobre uma mesma imagem. Só isto impede que o pesquisador assuma o risco de interpretar de maneira livre as fotos feitas pelos sujeitos. Ele até poderia fazê-lo, mas, uma vez que contou com a participação dos sujeitos e está consciente do caráter processual, dinâmico e relacional do empreendimento de pesquisa, a interpretação das imagens produzidas pelos sujeitos deve necessariamente fazer parte do produto final, fornecendo um possível contraponto à sua interpretação.

3. Quando uma imagem não vale mais do que mil palavras

Durante a realização da pesquisa, em alguns momentos, alguns sujeitos entraram em contato com as fotos produzidas por outros, fazendo sobre elas alguns comentários. Tais comentários nos remetem a importantes considerações sobre o caráter polissêmico das imagens, que dizem respeito à impossibilidade de as imagens, assim como a vida social, apresentarem um significado unívoco.

Vejamos, por exemplo, as duas fotos da figura 4, produzidas pela professora Sônia, de Língua Portuguesa, que, no momento da pesquisa, ocupava o cargo de coordenadora pedagógica da escola.

Ao se deparar com a foto da mesa vazia, a aluna Hayres achou que ela “está mostrando a falta de leitura. Está mostrando que as pessoas não vão para o pátio estudar nunca. No tempo vago que tem, não fazem nada.” Já a aluna Samantha ao ver a foto da lixeira, foto da direita, fez o seguinte questionamento: “Será que é porque tem gente que trata a leitura como lixo?”.



Figura 4 – Montagem feita pelo pesquisador a partir das fotos da professora Sônia.

Entretanto, na fala da professora para explicar as razões de produção dessas fotos aparece outra interpretação. Na realidade, no momento da entrevista os comentários que ela fez sobre as fotos que produziu não apresentaram muita relação com o tema da leitura. O que mostra também que o momento de produção das fotos, ainda que a partir de questões propostas pelo pesquisador, possibilita aos sujeitos trazer à baila outras de suas preocupações.

Retornando às fotos, Sônia durante entrevista explicou as suas motivações para a produção das imagens. No caso da fotografia da mesa ela chama atenção dizendo que:

não tem nada ali. É como se fosse um espaço vazio. Um espaço vazio, mas à espera de alguma coisa, porque tem mesas e tem cadeiras. [...]. Uma reunião, o pessoal sentar, o pessoal jogar, o pessoal fazer qualquer outro tipo de atividade ali.

A foto da mesa adquire novo significado quando ao longo da entrevista Sônia manifesta uma profunda decepção com os professores já que em sua avaliação, muito marcada por seu lugar de coordenadora pedagógica da escola, os professores em geral estão muito acomodados e voltados para a prática de sua própria disciplina, não realizando um trabalho mais integrado e não tendo muito preocupação em despertar a curiosidade dos alunos.

Já em relação à lixeira, ela diz que a fotografou porque ela a “remeteu” à lixeira virtual. Ela então estabeleceu uma comparação entre as duas. De acordo com ela, na lixeira representada pela fotografia as coisas uma vez lá colocadas não podem mais ser recuperadas. Em contraposição:

na lixeira virtual eu posso [...] recuperar. Porque às vezes eu jogo tudo para a lixeira. Ai de repente você chega assim: enviei tal coisa pra você e fico com aquilo na cabeça. Ai eu vou lá na lixeira. É, se não esvaziar [...] vou lá e recupero uma informação.

As fotos de Sônia não foram as únicas a chamar atenção quando vistas por alguns sujeitos da pesquisa e mesmo por mim. A professora Ana Maria, de Língua Portuguesa, produziu 4 fotos, que aparecem reproduzidas na figura 5. Ela não foi entrevistada, mas recebeu as 4 fotos feitas e enviou por e-mail um comentário sobre cada uma delas.

A foto que provocou algumas reações de curiosidade, inclusive a minha própria, foi a imagem de uma carteira. Nesse caso as pessoas que observaram a foto não fizeram como no caso anterior interpretações sobre os possíveis significados da foto.



Figura 5 - fotos da professora Ana Maria.

Em seu e-mail Ana Maria digitou:

Carteira: É preciso dinheiro para adquirir bons livros, frequentar teatros (ouvir bons textos), assinar TV com bons canais, enfim o dinheiro facilita ou prejudica a criação do hábito de ler. As pessoas podem priorizar ou não o bom uso do dinheiro. Alguns preferem investir em roupas da moda ou futilidades enquanto outros preferem investir em seu desenvolvimento cultural.

Ana Maria reforça uma oposição entre “o bom uso do dinheiro”, que permite às pessoas “investir em seu desenvolvimento cultural” e o uso nem tão bom ligado ao desejo das pessoas de “investir em roupas da moda ou futilidades”. O bom uso do dinheiro confere acesso aos “bons livros”, ao teatro que possibilita “ouvir bons textos” e aos “bons canais” de TV. O bom ou o mau uso do dinheiro podem facilitar ou prejudicar “a criação do hábito de ler”. A referência ao argumento econômico na relação com a leitura é muito relevante. Ao longo da pesquisa alguns alunos assinalaram a importância da disponibilização de livros por parte da biblioteca da escola, pois sem ela não teriam como ter acesso ao material para a leitura.

Mas trouxe essas fotos para discutir também outra questão. Disse que é necessário ouvir os produtores das imagens no contexto específico da pesquisa para não autonomizar em demasia as interpretações do pesquisador, conferido-lhe uma autoridade absoluta na interpretação dos dados. Mas, não se trata aqui de supor que o sujeito que produziu a foto pode recuperar os motivos originais que estavam presentes no momento de sua produção.

Vejamos o caso das duas primeiras fotos produzidas pela Professora Ana Maria. Logo que produziu a primeira foto, ela mostrou-se insatisfeita com o resultado. Isso ocorreu porque a sua intenção era a produzir uma imagem onde fosse ressaltado o trecho impresso que fazia referência ao acordo ortográfico. Eu ensinei-a a lidar com o zoom da máquina e ela produziu a segunda foto com o destaque pretendido.

Quando enviei-lhe as imagens não eliminei a primeira foto, que em tese havia sido a tentativa de enquadrar aquilo que no momento chamava a sua atenção. Posteriormente, quando recebi seu e-mail percebi que ela havia comentado também a primeira foto, fornecendo dela uma interpretação. Assim, digitou ela, respectivamente a respeito da primeira e da segunda fotos:

FLIP: O evento é maravilhoso na medida em que promove o debate sobre o texto: escrito ou falado, lido ou ouvido, declamado ou cantado. O evento promove a cultura de uma forma ampla e a leitura é base para toda essa proposta. O livro é valorizado, as pessoas interpretam publicamente seus textos e todos são (direta ou indiretamente) estimulados a ler e escrever também. O desejo de ler nasce com a curiosidade e se desenvolve no contato com livros adequados para a faixa etária.

Acordo ortográfico: A questão ortográfica não deve ultrapassar os limites da forma. Devemos ter atenção com a ortografia mas sem perder o foco do conteúdo. O prazer da leitura deve fluir sem a preocupação com a acentuação ou a ortografia. Quem lê sente naturalmente mais facilidade em escrever e essa vontade de ler deve ser estimulada desde cedo. Pouco importa se em uma palavra o ditongo vai ou não ser acentuado, o que importa é a habilidade de se concentrar no texto e se deixar invadir pelas ideias do autor.

O que ocorreu aqui serve para refletirmos nas relações entre o que foi pensado no momento da realização da foto e a sua posterior interpretação pelo sujeito que a produziu, onde entra em cena a relação entre memória e imagem. Como diz Kosoy qualquer fotografia faz sempre referência ao passado, não importando se a um passado distante ou recente. Ao falar em passado o autor quer dizer que aquilo que foi vivenciado definiu-se como uma experiência “irreversível e que as situações, sensações e emoções que vivemos estão registradas no nosso íntimo sob a forma de impressão. A fotografia, obviamente não guarda essas impressões – elas se situam no nível do invisível, além da imagem”. (Kosoy, 2005, pp.42-43).

Imagem e memória articulam-se, na produção de novos significados. Ao produzir uma imagem os sujeitos da pesquisa eternizam um instante fugaz de seu apagamento pelo tempo, produzindo uma determinada memória sobre aquele acontecimento. Mas ao serem confrontados com essas mesmas imagens do passado, de um tempo que já não é mais, eles devem à própria memória a condição de construção de uma ponte entre esses dois momentos. Como diz Bittencourt, posicionando o sujeito entre a imagem de um momento que não mais existe, o passado, e seu estado atual, o presente, a fotografia conclama os sujeitos “a transpor essa descontinuidade por meio da construção de um feixe de significados” (Bittencourt, 1998, p. 206)

4. A valorização dos saberes dos sujeitos

Durante o processo de produção das imagens pude perceber que, mesmo sendo um tema de meu interesse, os participantes puderam estabelecer táticas que lhes possibilitassem algum tipo de reapropriação. Do mesmo modo, ficou patente que sendo a imagem um elemento constitutivo da experiência do homem contemporâneo, constituiu-se em relação a ela um certo saber não só em relação a saber com ela lidar como também na sua produção.

A questão da autonomia manifestou-se de formas diferentes ao longo da realização da pesquisa. Em todas as estratégias que eu havia pensado, os próprios sujeitos manipulariam os equipamentos: filmadoras, tripés e máquina fotográfica. Durante o período anterior à realização das gravações, refleti longamente sobre como seria o uso pelos alunos desses equipamentos.

A manipulação autônoma por parte dos alunos exigia uma total confiança no cuidado que eles teriam com o equipamento que iriam utilizar. Em 2008, os alunos utilizavam uma máquina filmadora que pertencia ao grupo de pesquisa, tendo sido adquirida com dinheiro fornecido por agências de fomento à pesquisa. Além de possuir um custo relativamente elevado era também material inventariado.

Tinha a preocupação em deixar o equipamento com eles durante a semana, pois eles faziam diariamente trajetos longos até as suas casas, utilizando transporte coletivo, ampliando as possibilidades de que algo de ruim pudesse acontecer com o equipamento. Quando pensei em deixar com eles o equipamento, eles mesmos também manifestaram tal preocupação de deslocar-se com um equipamento relativamente caro.

Diante dessa preocupação com a integridade do equipamento a primeira questão que se colocava era a de minha presença ou não durante os depoimentos, para zelar pela integridade do mesmo. Não me pareceu adequado com a proposta do trabalho acompanhar de perto as filmagens e, posteriormente, a produção das fotos, pois isto limitaria a ação dos alunos que poderiam perceber minha presença como falta de confiança.

Dessa forma, em 2008, optei por uma posição intermediária, que me pareceu bastante satisfatória. Eu entregava a máquina ao grupo de alunos no início do turno de suas aulas, pois eu tinha de trabalhar em outra escola. Ao final da tarde eu recolhia a câmera no fim das aulas. Como muitas vezes eu tinha de sair antes da chegada dos alunos, combinamos que eu deixaria a máquina sempre com um funcionário que eles conheciam e com o qual relacionavam-se constantemente. No fim das tardes eu sempre chegava mais cedo de forma a me encontrar com os alunos, recolhendo a máquina e conversando sobre as filmagens.

Já em 2009, eu havia adquirido para meu uso pessoal uma filmadora, passando a utilizá-la com os alunos. Posteriormente, quando pensei em utilizar as fotografias, pensei em adquirir uma máquina mais barata, mas o medo de que a qualidade das imagens não fosse boa fez com que eu utilizasse minha máquina fotográfica digital pessoal.

Como esse novo grupo, em 2009, estudava no turno da manhã, onde eu concentrava minhas aulas, não foi necessária toda esta engenharia. Quando desejavam filmar, os alunos retiravam a máquina diretamente comigo, entregando-me após a realização das filmagens. No caso das fotos, eu procurava fazer com que fossem feitas nos momentos em que eu estivesse na escola.

Como esse grupo utilizava minha própria filmadora, ainda que seu custo fosse elevado e fosse uma tecnologia considerada de ponta, fiquei cada vez mais à vontade para deixar o equipamento em suas mãos. De qualquer maneira ao longo da realização da pesquisa não percebi qualquer dano por menor que fosse a qualquer dos equipamentos que foram utilizados seja por parte dos alunos, seja por parte dos professores (estes só manipulando a máquina fotográfica).

Sei que a opção por não acompanhar os alunos nas filmagens e confecção das fotos, embora na ocasião me parecesse justificável, me fizeram perder a dinâmica de negociação para as entrevistas e também os processos de negociação e deliberação para a realização das fotos, o que nem sempre foi recuperado nas entrevistas.

O tema da autonomia também esteve presente na escolha, por parte dos alunos, de quem deveria ser entrevistado. Eu não havia determinado de maneira rígida quem seria entrevistado, mas em minhas falas

sempre fez referência apenas aos professores e aos alunos da escola. O primeiro grupo não se limitou a entrevistar professores e alunos. Eles entrevistaram também aqueles professores que ocupam momentaneamente um outro papel (os diretores), os funcionários de apoio e o próprio pesquisador. O mesmo aconteceu com o segundo grupo que também entrevistou, além dos professores e dos alunos, os funcionários da escola. O segundo grupo foi ainda mais longe, optando por entrevistar inclusive fora do espaço escolar.

As filmagens e as fotos ofereceram também a oportunidade a alguns alunos de estar em espaços que durante o dia-a-dia da escola tem o seu acesso interditado a eles: a sala dos professores (onde é explicitamente proibida a entrada dos alunos através um cartaz afixado à porta), o departamento de pessoal, a salinha dos funcionários de apoio.

No processo de produção das imagens, os alunos utilizaram o fato de estarem de posse da máquina fotográfica ou da filmadora para legitimar a quebra de algumas rotinas estabelecidas no interior do espaço escolar. Assim, essa arte do fraco, nas palavras de Certeau, permitiu que “sem sair do lugar onde tem de viver e que lhe impõe uma lei”, eles conseguissem instaurar “pluralidade e criatividade. Por uma arte da intermediação ele tira daí efeitos imprevistos”. (Certeau, 2004, p. 93).

É interessante observar como a produção das imagens foi diferente nos dois grupos. As imagens de 2008 são sempre feitas a partir da câmera posicionada em um tripé, estando a aluna que faz as perguntas, Cassiane, ausente do enquadramento. Em todas as entrevistas que ela realizou a única marca perceptível de sua presença é a sua voz fazendo as perguntas. É possível observar também que a opção pelo tripé, que eu havia disponibilizado como possibilidade, acabou produzindo uma preocupação com os locais em que foram feitas as imagens e certa repetição dos locais das entrevistas. Como a montagem, desmontagem ou deslocamento da câmera fixada no tripé eram procedimentos que implicavam um certo cuidado, talvez isso tivesse determinado tendência à sua utilização em mesmo lugar.

Em 2009, o grupo escolheu fazer as imagens com a câmera sem apoio fixo, movimentando-se livremente pelos espaços. Nesse caso, também a entrevistadora, Livia, aparece frequentemente, junto com os entrevistados. Assim, enquanto em 2008 houve uma preocupação com a escolha dos locais em que seriam feitas as entrevistas, que parecem ter sido previamente escolhidos, percebemos que em 2009, as entrevistas foram realizadas em qualquer espaço da escola, entrevistando-se alguns alunos nos corredores, no pátio, na biblioteca. Podemos observar também que em 2009 são constantes as tomadas da entrevistadora circulando pelo espaço da escola em busca de pessoas para entrevistar.

Ao observar as imagens feitas pelos dois grupos com a filmadora, as imagens feitas pelos sujeitos com a máquina fotográfica e a sua participação nas entrevistas onde a filmadora estava sempre presente, pude perceber como a produção de imagens é um aspecto cada vez mais comum na contemporaneidade.

No caso da produção das imagens pelos alunos com a filmadora, o posicionamento da câmera em relação aos entrevistados demonstra em ambos os casos um conhecimento por parte desses alunos, adquirido a partir de seu relacionamento com os produtos visuais da contemporaneidade.

No primeiro caso, em 2008, observei um tipo de enquadramento mais documental, com a opção de filmagens sempre em primeiro plano, valorizando as pessoas que falam, mais do que o ambiente ao seu redor. Houve aí uma preocupação de isolar o contexto da entrevista da dinâmica de funcionamento da escola.

No segundo caso, em 2009, percebi o uso de tomadas mais dinâmicas e a mescla entre a filmagem fixa e móvel. No caso das imagens fixas estas quase nunca foram produzidas com a mesma preocupação de isolamento existente em 2008. O único caso em que isso ocorreu foi quando Livia entrevistou a bibliotecária da escola. Em todos os outros momentos, as pessoas que ela entrevistou estão em um espaço que também é ocupado por outras pessoas. Isso nos permite observar o cotidiano da escola através das lentes de quem filma (o mesmo acontecendo com as imagens fotográficas feitas posteriormente), ou seja, uma entre tantas formas de ver.

Não sei em que medida posso relacionar minha postura ao longo da pesquisa com a forma pela qual as imagens foram produzidas. Em 2008, eu evitei comentar com os alunos os pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa, com medo de influenciar a sua produção, como se fosse possível a produção

totalmente autônoma da parte deles, sem que minha presença produzisse algum efeito. Já em 2009, superando uma visão mais positivista da realização da pesquisa, discuti com os alunos todas as questões que estavam envolvidas na realização de minha pesquisa, não me furtando a emitir análises sobre o tema. Será que minha postura mais neutra em 2008 acabou refletindo a escolha por esse tom mais sóbrio e documental, enquanto em 2009 possibilitou uma produção imagética com enquadramentos menos sóbrios?

Outra questão relevante que pude observar foi a desenvoltura com as imagens por parte dos entrevistados e, mais do que isso, com as próprias lentes que são cada vez mais comuns e que nos seguem em nosso cotidiano. Tal desenvoltura, que hoje observamos por parte das pessoas, nos remetem à naturalidade com que lidamos com a produção, a circulação e consumo dos diferentes tipos de imagens, principalmente com as denominadas imagens técnicas. Esses diferentes tipos de registros imagéticos contribuem assim para constituir as nossas subjetividades bem como as das novas gerações.

Como afirma José de Souza Martins “a imagem, em cada época, educa a visão e os olhos. Portanto, que a imagem produzida pelo homem, segundo diferentes concepções e estilos, diz ao homem, em cada época, quem o homem é”. (Martins, 2008, p.20). Vivendo em um mundo onde as imagens técnicas adquiriram essa relevância não podemos evitar refletir sobre ela, pois esse é mundo onde nossos jovens e as futuras gerações constituirão as suas subjetividades.

5. Considerações Finais

O uso da imagem nesta pesquisa favoreceu uma explicitação do caráter negociado de todo empreendimento humano e da pesquisa em particular. Elas permitiram aos sujeitos da pesquisa outra forma de expressar sua relação e seu entendimento acerca de sua realidade cotidiana. Sua produção os envolveu em uma reflexão sobre a temática proposta pelo pesquisador e, ao mesmo tempo, possibilitou-lhes um momento de reflexão sobre sua própria inserção no espaço social e da pesquisa. Foi-lhes possível agregar em alguns momentos suas próprias preocupações. Para o pesquisador elas não apenas forneceram uma nova forma de acesso ao tema de pesquisa como, também, uma indicação do quanto a relação entre pesquisadores e pesquisados pode enriquecer a prática da pesquisa, quando ela opera a partir do dialogismo. Ele torna o empreendimento de pesquisa mais rico na medida em que passa a agregar as inflexões trazidas pelos participantes.

O processo de pesquisa apresenta muitos desafios àqueles que estão dispostos a encará-lo como uma prática que se constitui na relação dinâmica com o outro. Nas palavras de Porto Alegre:

pensar os desafios da imagem nas ciências sociais, em particular na etnografia, é uma forma de refletir criticamente, entrar no debate de questões como subjetividade, reflexividade, relação sujeito/objeto, dialogismo, interdisciplinaridade, representação, estilos, gêneros e formas de linguagem, entre outras temáticas que ganham importância crescente à medida que o realismo etnográfico é posto em cheque e a presença política do cientista social, como interprete autorizado da realidade, ganha espaço no estudo das sociedades contemporâneas (Porto Alegre, 1998, p.111).

Deixando esse lugar da autoridade, do interpretação autorizada, o cientista social pode de fato construir uma prática de pesquisa que seja baseada na implicação com esse outro. Tal implicação deve ser o fundamento ético que dever nortear sua prática de pesquisa.

6. Referências bibliográficas

- Bitencourt, Lúcia A. (1988) Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica. In Feldman-Bianco, Bela e Leite, Míriam L. Moreira (Orgs). *Desafios da Imagem: Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. (pp. 197-212). Campinas, São Paulo: Papirus.
- Castro, Lúcia Rabello. (2008). Conhecer, transformar(-se) e aprender: pesquisando com crianças e jovens. In castro, Lúcia R. & Besset, Vera L. (Orgs.). *Pesquisa-intervenção na infância e juventude*. (pp. 21-42). Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ.

- Certeau, Michel de. (2004). *A invenção do cotidiano: 1 – as artes de fazer*. 10 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Chartier, Roger. (1994). *A ordem dos livros. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Universidade de Brasília.
- Chartier, Roger. (1998) *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo: Editora UNESP.
- Chartier, Roger. (2001) *Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit*. Porto Alegre: ARTMED.
- Chartier, Roger. (2002). *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora UNESP.
- Chartier, Roger. (2003). *Formas e sentido: entre distinção e apropriação*. Campinas: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB).
- Clifford, James (2002). *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Kossoy, Boris. (2005). Fotografia e memória: reconstrução através da fotografia. In Samain, E. (Org.) *O fotográfico*. (pp. 39-45). 2ed. São Paulo: Hucitec.
- Porto alegre, Maria Sylvia. Reflexões sobre a iconografia etnográfica: por uma hermenêutica visual. In: Feldman-Bianco, Bela e Leite, Miriam L. M. (Orgs.). *Desafios da Imagem: Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas, SP: Papirus, 1998. p. 75-112.
- Samain, Etienne. Questões heurísticas em torno do uso das imagens nas ciências sociais. In Feldman-Bianco, Bela e Leite, Miriam L. M.(Orgs.). *Desafios da Imagem: Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. (pp.51-62). Campinas: Papirus.
- Simson, Olga Rodrigues de Moraes Von. Imagem e memória. In Samain, Etienne (Org.). *O fotográfico*. (pp.19-32). 2ed. São Paulo: Hucitec/Senac.